

Textos sobre projetos de residências

Publicados na revista
Casa e Jardim

Jorge Osvaldo Caron*

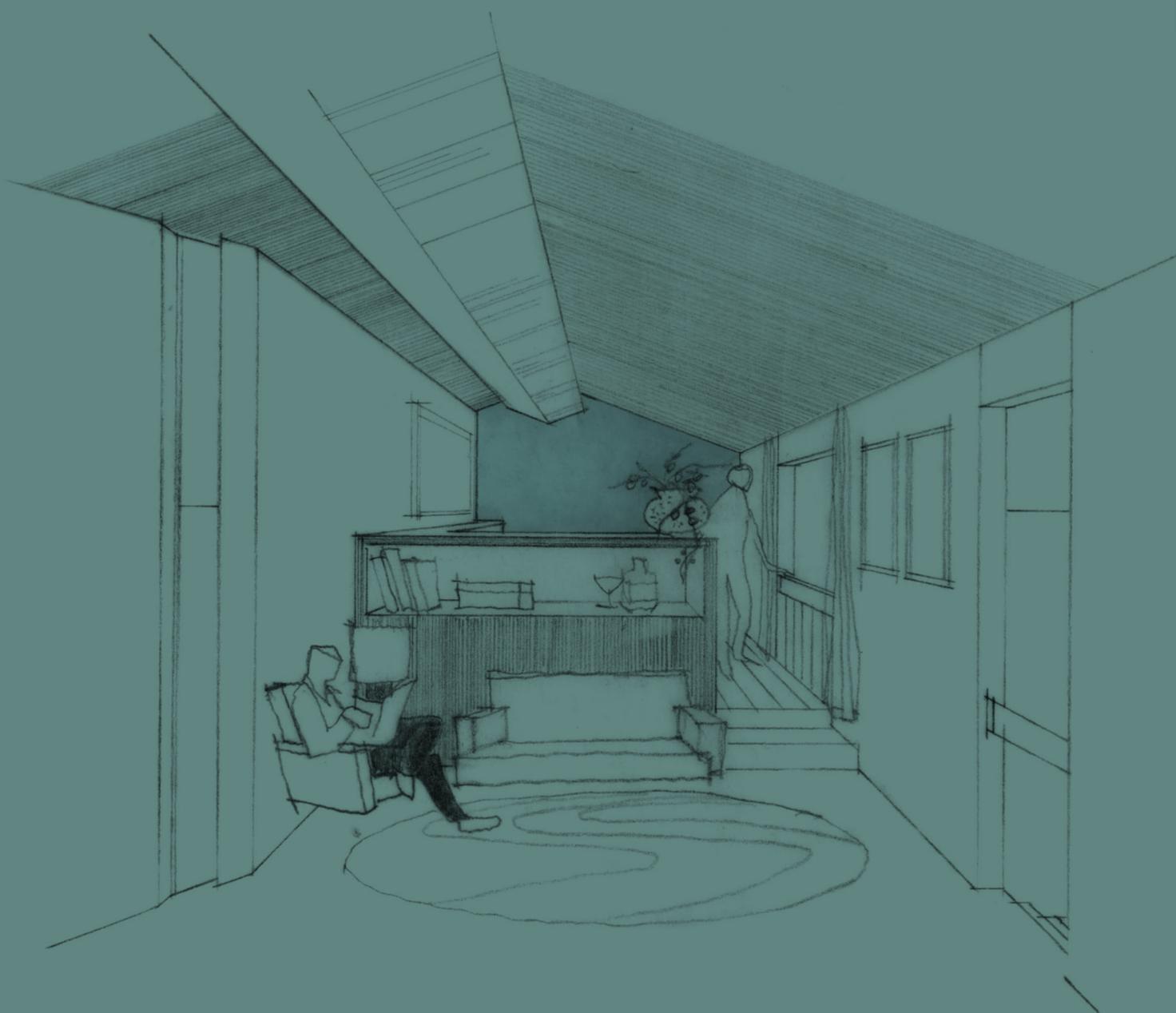


Figura da página anterior:

Croquis interno do projeto da residência Rui de Souza, autoria de Jorge O. Caron. Fonte: Acervo Jorge Caron. (Imagem acrescentada pelos editores desta edição temática ao presente texto)

Falando em velhice

Casa e Jardim, vol.197, p.106,
Editorial, junho 1971

“Olha aquela casa velha”. Por que você disse “casa velha”? Talvez porque ela tenha envelhecido. Pode estar com esclerose nos encanamentos, artrite nas dobradiças, um pouco descadeirada. Um caso clínico, enfim. Um transplante de tubos galvanizados, uma revisão nas esquadrias, um pouco de ortopedia no madeiramento e, finalmente, um novo vestido de pinturas lhe restauram a integridade.

Talvez você queira dizer que ela está gagá. Aí o caso é mais grave. Será que uma cirurgia plástica profunda resolveria?

“Olha aquela velha senhora.”

Há muitas maneiras de ser velha. Em um extremo, temos o rosto velho que a idade revestiu de dignidade. Dela nos observa o olhar jovem e inteligente dela vem a compreensão e o conselho.

Nela as rugas não falam de alegria como na outra. Em cada vinco se sente uma recusa.

Vai daí que ela cai na mão do cirurgião. A plástica lhe faz sumir as várias cicatrizes alisando os rictus. No outro caso nada é necessário. A própria presença já cria um estado de beleza. As casas são assim, também. Elas são criadas em uma época e para essa época. No entanto algumas atravessam séculos com um sorriso nas janelas. Outras esclerosam logo. Há as que envelhecem com dignidade, sempre recebendo bem os que a ela se dirigem. Outras, sem essa abertura, se demodam, se acabam em pardieiro.

A casa sempre reflete os sistemas de pensamento da época em que surge. Ou ainda, pode refletir uma posição polêmica para sua época. Uma casa pode ser autoritária, rígida, ascética, com pretensões à moralidade. Essa envelhece logo.

O sistema político- econômico de uma época desenvolve uma linguagem arquitetônica que o afirma. Se os parâmetros desse pensamento foram rígidos e agastados das liberdades fundamentais, a linguagem artística que ele promove, rígida e limitada, tende a obsolescer junto com ele. Historicamente rápido.

Mas uma casa pode ter amplitude, informalidade, adaptabilidade. Pode surgir em épocas de grande progresso na história de um povo ou como documento polêmico em

*Jorge Osvaldo Caron foi Arquiteto e Urbanista, Cenógrafo, Designer e Docente do atual Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

outra. É sempre um ato brilhante. Esta casa ampla e compreensiva é sempre habitável. A outra, não. Está sempre levantando obstáculos a quem a ocupa. À primeira basta um pouco de carinho e alguma atualização técnica para promover a alegria de habitar.

A segunda resiste a tudo. Para esta sempre surge a hipótese do velho remédio: reforma. A primeira é uma casa idosa. A segunda é uma casa velha, candidata à cirurgia plástica. Aí é que entra a questão. Por que reforma? Esta tem as maiores probabilidades de transformar a casa em uma velha ridícula. Poderíamos pensar em reforma quando o objeto desta tem valor museológico. E, se estamos tratando com um monumento histórico, decidamos primeiro se o seu valor é integral ou particularmente paisagístico. Neste segundo caso podemos alterar tudo por dentro para enfrentar situações mais atuais, mantendo somente intocado o aspecto exterior. Mas isto não é uma reforma: é a demolição do interior que não se ajusta às novas atividades. O primeiro caso é objeto de restauração e nunca de reforma.

E quando não é monumento histórico? O caso não é reforma naquilo que obsoleceu. É demolição. E dar a volta por cima. Com a maior sinceridade e não usando a expressão reforma para efetuar uma demolição disfarçada e retendo da construção original um par de limitações.

Radical? Somente do ponto de vista de um capricho particular que pretende transformar uma coroa cansada em uma “strip-teaser”. No demais, o avanço tecnológico, que imprime à nossa arquitetura cada vez mais abertura e elasticidade, no esforço de resolver humanamente nossas cidades, se encarrega de afirmar a tese da demolição (ao mesmo tempo em que promove a ampliação). Caminhamos para resolver grandes problemas de habitação, cultura e vivência onde o tom da reforma soa falso.

Sou mesmo pela eutanásia das casas corocas e por dar prêmios às avós brilhantes. E se eu não fosse, o progresso social me demoliria.

Olha, fica entendido que não sou contra a máquina

Casa e Jardim, [S. l.],
v. 192, p. 98, jan. 1971

Olha, fica entendido que não sou contra a máquina. Nem poderia ser: a urbanização do homem caminha com seu nível de tecnologia. Tecnocrata? Também não. Imagine você o sujeito pondo uma pedra em pé: menhir. São muitos. Enquanto a levantam, desenvolvem toda uma tese científica e tecnológica. A pedra vai subindo, eles não a deixam cair, polígono de força. A pedra adota várias posições intermediárias, continuo know-how. O fecho cultural que encerra tudo é o querer levanta-la quando estava deitada: projeto.

Do homem-máquina levantando pedra à máquina-máquina alterando qualquer energia vai apenas um deslizar de séculos. Só. O homem-projeto é o mesmo, mais um horizonte de conhecimento que ele amplia constantemente. O homem-projeto é gente, seu destino é o conhecimento crescente e o trabalho que lhe cria a liberdade.

De roda em roda e de alavanca, foi alterando canalizando, escravizando as formas de energia que encontrou por aí.

Tudo isto por quê? Porque vi um projeto. Ou melhor: fotografias de seu modelo (ver é muito perigoso). Era uma casa. Forma de morar, querida para os anos porvir. (feita para uma exposição na Itália, design para habitação.) intenção: por o equipamento tecnológico de hoje a serviço do homo moratorius (espécie que deve ser diferente, visto que a maioria da humanidade faz seu habitat sobre a miséria). Resultado: a grande cama quadrada (o sonho vitoriano), onde quatro podem competir as labutas do descanso, com painel central de instrumentos, botões, indicadores etc. computador de sonhos. Sobre a cama, em lugar de espelho, algo giratório, a semelhança de um pesadelo sintético, fornece televisão, livros, ar condicionado, cine ma cochon e as cantigas que mamãe cantava. Se dúvida a cama vibra e geme para fornecer uma ampla solidão.

A cozinha segue o mesmo caminho: um astronáutico painel semicircular, onde caprichosos manômetros, reguladores switches e relés estão destinados a recolher informação, salivar e expelir macarronadas cromadas ao molho de transistor. Com uma ficha furada programa-se o jantar de toda a estação, desde que se tenha o cuidado de programar os amigos.

Não me acuse de cínico. Nem que eu esteja querendo reavivar o Arts & Crafts dormindo em rede e comendo os quitutes da tia escrava. Recuso a pichar meu tom resulta da comunicação recebida. A máquina é um elemento muito sério dentro do universo cultural. Mas ela estava destinada a alterar a energia em benefício da vivencia minha e tua. Do nosso conhecimento em progresso. Mas não alterar-nos para um mundo de máquinas felizes. Elas não podem sê-lo, nem infelizes. Elas não podem sê-lo, nem infelizes. O que ela faz, e aí eu a quero, é criar-me um mundo onde eu comparto da liberdade e do conhecimento nosso. Em enorme propagações concêntricas com tantos e tantos centros.

O que eu recuso à máquina é meu diálogo humano com ela.

Não tenciono acariciá-la, dedicar-lhe um poema, beijar-lhe um botão, nem que tal me proporcione um frisson de 30 volts. Não amo a máquina, eu a faço. Portanto, não estou interessado em compartilhar Paco Rabane para que ela possa conviver comigo. Convívio, meu é com gente a máquina s...ciosa e de ausente presente me serve. Não tenho ser... gente: tenho máquina.

Portanto, não quero povoar meu mundo de máquinas vampirescas, hollywoodianas, com umbigo e desejos frustrados ... afetividade. Formariam o terrível pesadelo de não encontrar mais meu amigos, fantasiado de máquina e escondidos entre elas. E no fim iria para a casa com uma máquina que diz que me entende.

Não me entende. Quem entende sou eu. A máquina eu conheço porque a faço. Gente eu amo. Da máquina me sirvo. E amo você.

Uma casa é um protótipo

Casa e Jardim, [S. l.], v. 214,
p. 22 - 25, nov. 1972

O importante é mesmo a cidade. Podemos distinguir nela vários tipos de unidades, hierarquizadas e inter-relacionadas umas com as outras. Zonas, sistemas de penetração, sistemas de distribuição, unidades de freguesia, etc.

O lote não é uma unidade. Contrário a qualquer aparência, a cidade não é divisível em lotes. Estes são apenas uma fração de unidade. Esta visão nos coloca o problema casa. Casa, aquilo que é ocupado no lote, também não é unidade. É parte integrada no meio, paisagem. Um conjunto delas pode formar uma unidade: habitação. Portanto, podemos dizer que a casa não é um tipo.

Uma casa é um protótipo. Não é possível emoldurar uma visão de cidade dentro dos limites do lote. A visão do arquiteto estende o protótipo a um número determinável, formando uma unidade que engloba cultura, lazer, trabalho, inter-relação humana, enfim. A repetição e articulação de sub-unidades (prototípicas) forma uma unidade urbana.

Esta casa é um protótipo de moradia para unidade urbana de baixa densidade. Este é o critério segundo o qual deve ser observada e criticada. Sua repetição, articulando jardins internos, a continuidade de coberturas e possível organização dos serviços gerais comuns. O único critério para observar uma casa do ponto de vista da cidade ou a casa segundo o que a cidade deveria.